

## CIBERPOÉTICA: PATRIMÔNIO VIRTUAL?

*Elisangela Viana*<sup>1</sup>

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

*Taiza Mara Rauen Moraes*<sup>2</sup>

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

**Resumo:** Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa intitulada ‘Paragens Literárias no Ciberespaço’ intitulada ‘Paragens Literárias no Ciberespaço’, apresentada ao Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. A pesquisa dirigida para compreensão da imbricagem de linguagens visuais, verbais e hipermediais foi sustentada pelo conceito de Lévy (1999) que considera o ciberespaço como o “sistema do caos”. Valor reafirmado pela visão de Canclini (2005) sobre patrimônio cultural na pós-modernidade, discutindo-o como um conjunto de valores que emaranham materialidade e intangibilidade e tangenciam a identificação para um determinado grupo de pessoas. Assim sendo, o ciberespaço encena em seus conteúdos as disputas sociais que percebemos no ‘mundo real’, e os espaços virtuais são abordados como locais e globais, simulando e impregnando a tessitura social. A abordagem analítica efetuada no blog de Eduardo Silveira, “O bibliófilo pobre”, focou as diferentes linguagens utilizadas nas suas composições que requerem a mediação tecnológica tanto para a criação, quanto para a fruição, demonstrando que o ciberespaço é um ambiente de ser e estar do indivíduo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Patrimônio Virtual. Ciberespaço. Entrelaces de linguagens

**Abstract:** This paper presents a part of a research entitled ‘Literarian Stoppage in the Cyber Space’ presented to the Master Degree Course named ‘Cultural Heritage and Society’ at University of Joinville Region – UNIVILLE. The research is directed to the understanding of

---

<sup>1</sup> Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville

<sup>2</sup> Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina

visual, verbal and hypermedia language imbricating, sustained by Levy's (1999) thoughts who consider the Cyber Space as the 'Chaos System'. This value is reaffirmed by Canclini's (2005) vision about cultural heritage in post-modernity, discussing it as values that entangle materiality and intangibility and represent the identification for a certain group of people. Therefore, the cyber space mounts in its contents the social disputes that we can notice in the 'real world' and the virtual environments are approached as local and global, simulating and imbuing the social tessiture. The analytical approach performed in Eduardo Silveira's blog entitled 'O Bibliófilo Pobre' ('The Poor Bibliophile) focus the different languages used in its compositions that required technological mediation in the creation and in the fruition, showing the cyber space as an being environment for post-modern individuals.

### **Apresentação**

O interesse por uma pesquisa que aborda termos como patrimônio virtual, cibercultura e ciberpoética surgiu do contato com manifestações poéticas realizadas no ou para ciberespaço como a composição de Eduardo Silveira, poeta joinvillense que cria textos em que imbricações hipermidiais ampliam ou implicam o campo semântico impactando no efeito e recepção da leitura, postados no blog 'O bibliófilo pobre' no endereço <<http://obibliofilopobre.blogspot.com/>>.

O blog, para escritores como Eduardo, constitui-se como uma possibilidade acessível para a publicação de seus trabalhos, pois, estando no ciberespaço, essas manifestações podem ser acessadas e lidas por qualquer pessoa em qualquer lugar do globo, adquirindo uma condição tanto local quanto global. Por outro lado, tais manifestações também lidam com a instabilidade do sistema que depende de computadores, servidores e da rede mundial de computadores chamada Internet.

Marques (2003, p. 174) aborda a Internet como "gigantesca e caótica", como um lugar que não tem uma hierarquia, nem um dono, um espaço que deveria ser democrático, mas que acaba refletindo ou simulando as estruturas sociais que vivemos. Isso coloca em pauta a revolução que o mundo da rede mundial de computadores está causando: pessoas e instituições online compartilhando dados, trocando informações e produtos, expressões e representações que a cada dia multiplicam-se em ciberespaços, lugar de convívio, de ser e estar de grande parte dos indivíduos contemporâneos.

A partir dessa constatação, percebeu-se, então, que o ciberespaço é um território fluido ou um desterritório, onde se está virtualmente em qualquer ponto sem a sua presença física:

um espaço-tempo próprio. Percebendo essa especificidade da cibercultura e também das tendências pós-modernas em que espaço e tempo se redimensionam, essas composições pós-modernas induzem a subversão dos sistemas que ela utiliza, pois propõem a ruptura com o consumo veloz de informação para criar espaços que se constituem em essência como territórios de reflexão, de abstração.

Para alguns artistas, o ciberespaço torna-se o palco de experiências estéticas literárias que vão revelar outras facetas do homem contemporâneo, não só sobre suas fragilidades, suas vicissitudes, mas também, sobre suas potencialidades, revelando-o como um ser complexo, análogo à complexidade das imbricações de linguagens na construção poética dessas experiências e que suscita estudos para a compreensão de suas manifestações tão reveladoras do indivíduo contemporâneo.

### **Patrimônio em tempos pós-modernos**

É estranho pensar na relação entre Patrimônio e pós-modernidade. Afinal, o patrimônio relaciona-se com os processos de significação social que geram identidade ao indivíduo, enquanto que a pós-modernidade marca tudo o que é fluido, desestabilizante e fugidio. A identidade do sujeito que passou pelo descentramento (HALL, 2006) encontra na pós-modernidade múltiplas identificações: a sociedade (re) transforma-se constantemente nesse cenário multicultural. Nesse contexto, as definições de cultura e patrimônio cultural são temas sempre revistos e transformados.

Partindo da oposição Cultura X Sociedade que Canclini (2005) resignifica, compreendemos patrimônio cultural como o conjunto de valores (num complexo que emaranha materialidade e intangibilidade) que tangenciam a identificação para um determinado grupo de pessoas. Nesse sentido, compreendendo a cultura como um processo, Canclini (2009) propõe utilizar ao invés de cultura, o termo cultural, como um adjetivo, o que seria mais propriamente útil para abarcá-lo pela sua “incomensurabilidade” compreendendo zonas de disputas locais e globais.

Na internet, os saberes e fazeres culturais se imbricam aos tecnológicos, demonstrando que por trás da técnica há sempre um saber humano envolvido, mas que são portadores, por essa mesma razão, de referência a fragmentos de memória e identificação por parte dos criadores dos ciberespaços e daqueles que os frequentam.

Outro debate frequente no que tange às conceituações de patrimônio cultural é o da divisão entre o patrimônio material e imaterial, ou tangível e intangível. O patrimônio cultural emaranha-se entre a materialidade e as ideias nela expressa. A divisão comumente

utilizada passa a ser não mais do que um atributo metodológico. Pensando especificamente no ciberespaço, o ambiente material revela em primeira instância a realidade que hoje, paradoxalmente, passa por um processo de ‘desmaterialização’, reconstruindo-se código binário.

Entretanto, Lévy (1997, p. 15-16) alerta que não é suficiente opor realidade e virtualidade, definindo a segunda como um atributo de inexistência da primeira. Virtual é um modo de ser, tal qual o real.

A virtualização não é uma desrealização [...] mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. (LÉVY, p. 17-18).

Na atualidade, a informação não precisa mais utilizar os suportes materiais convencionados historicamente, como é o do suporte em papel. O livro pode hoje ser substituído por uma página em *HTML* ou um programa navegador, as músicas trocaram de formato para habitar *HDs*, quadros se transformaram em *pixels*, enfim, novos hábitos de consumo de cultura, de acordo com Santaella (2003, p. 59), são inseridos pouco a pouco no nosso cotidiano, propiciando uma circulação mais fluida e complexa.

Nos novos espaços virtuais criados primeiramente para a troca e consumo de informações, os usuários utilizam das ferramentas disponíveis para criar manifestações culturais que imbricam recursos tecnológicos em diferentes linguagens. Nesse espaço é difícil definir o que é suporte e quais suportes são materiais e quais são virtuais. A interface do usuário, que é a camada mais alta da informática, onde os usuários comuns interagem com sistemas, programas e outras funções, é o lugar também em que são realizadas as criações pelos autores/criadores que, dependendo do seu nível de conhecimento da tecnologia podem também transitar por outros programas, compiladores e escrever algoritmos em diferentes linguagens. Essa interface ou superfície é executada sobre outras plataformas ou camadas interiores como as linguagens de programação, que interpretam instruções num nível mais baixo de programação que se transformam em código binário (0 e 1, ligado ou desligado) e que, por sua vez, é interpretado pelo maquinário eletrônico (celulares, computadores, tablets, etc..).

Definido por Lévy (1999) como o “sistema do caos”, o ciberespaço encena em seus conteúdos as disputas sociais que percebemos no ‘mundo real’, com espaços virtuais que podem ser, ao mesmo tempo, locais e globais, manifestações culturais que podem ser

significativas para o criador do espaço e para quem o frequenta, simulando e impregnando a tessitura social.

A cibercultura abarca processos de significação cultural nesse espaço fluido, onde as telecomunicações convergiram com as tecnologias informáticas criando, conforme Lemos (2003), transformações sociais, culturais e antropológicas que alteram não apenas os processos técnicos, mas a nossa percepção espaço temporal, em que o termo virtual passa a adjetivar os espaços e produtos que habitam esse ambiente tecnológico online.

Os blogs e as redes sociais são exemplos de manifestações da cibercultura que se alastram pela internet de tal forma que um usuário pode ter diversos espaços em diferentes hospedeiros (servidores que hospedam esses espaços através de endereços e sub-endereços) e com diferentes funções.

Essas manifestações vão constituir-se como patrimônio digital que Dodebei (2006) conceitua como bens criados ou duplicados na web e que representam fragmentos de memória. Nos espaços virtuais, as manifestações culturais imbricam recursos tecnológicos para criar experiências culturais, artísticas e estéticas em que até mesmo as relações tradicionais artista-obra-fruidor são redimensionadas a partir da interatividade que as tecnologias, principalmente as de weblogs, podem proporcionar. Na internet, os saberes e fazeres culturais se imbricam aos tecnológicos, demonstrando que por trás da técnica há sempre um saber humano envolvido.

O patrimônio digital tangencia, como observa Dodebei (2006), a ideia de patrimônio virtual, levando em consideração a especificidade dos suportes e do seu modo de ser. Tentando buscar os conceitos de Lévy (1997) para o virtual, tentemos decifrar esse modo de ser específico que é em potência, vir-a-ser, sem que haja uma realidade (concreta) ou a falta desta. Uma composição de Eduardo Silveira, por exemplo, que imbrica texto e imagem e está postada no seu blog com essa imbricagem não pode se realizar em outra esfera material, é um objeto virtual porque existe e possui um suporte também virtual (navegador, linguagens de programação, sistemas, etc) mas é um vir-a-ser pois sua materialidade não é concreta, não é de “pedra e cal”. Poderíamos considerar o maquinário utilizado para o acesso (seja este um notebook, um ipad, celular) como a materialidade concreta do objeto e, de fato, o é, mas essa característica só intensifica suas propriedades virtuais, afinal, o objeto pode pulular de monitor em monitor em busca do seu vir-a-ser e continuar, de fato, existindo apenas como 0s(zeros) e 1s (uns) em algum disco rígido (HD) do servidor hospedeiro.

Essa transformação do suporte pode causar assombro em vista da revolução que está causando. Contudo, embora a transformação das tecnologias em nossa época seja veloz, não é

a primeira vez que há uma inovação no suporte da escrita. Desde o seu aparecimento, por volta de 4000 a.C., os materiais utilizados para o seu registro foram muitos: pedra, madeira, argila, metal, papiro, pergaminho foram suportes utilizados até atingir o papel. E as tecnologias foram diversas como os rolos de papiro e o *códice*, que, de acordo com Darnton (2010, p. 40) transformou a experiência de leitura, pois a "página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado".

No entanto, uma nova transformação na tecnologia do suporte da escrita iria causar grandes implicações para a história da escrita. A invenção da prensa, os tipos gráficos móveis, por Johannes Gutenberg, aproximadamente em 1450, e a dispersão do seu invento fez circular cerca de 13 milhões de livros pela Europa por volta de 1500 (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 24) causando uma "explosão de informações".

De um lado havia a resistência no uso da nova tecnologia, como os turcos, que consideravam pecado a impressão de textos religiosos, dos russos que não tinham condições culturais e sociais para disseminar a tecnologia e dos escribas que não queriam que as pessoas de nível hierárquico inferior tivessem acesso aos textos religiosos sem a sua mediação e de outro, havia um grande montante de informação a ser administrado. (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 26-27).

Em analogia com a tecnologia atual, tanto Darnton(2010) quanto Briggs & Burke (2006) revelam que alguns problemas que hoje enfrentamos ao buscar conteúdo na internet também foram vividos pelos leitores dos primeiros livros publicados através dos tipos móveis:

(...) A explosão dos modos eletrônicos de comunicação é tão revolucionária quanto a invenção da impressão com tipos móveis. Estamos tendo tanta dificuldade em assimilá-la quanto os leitores do século XV ao se confrontarem com textos impressos. (DARNTON, 2010, p. 14)

Erros de publicação são comuns quando há um aumento de informação a se administrar e nenhuma era foi tão eficiente em produzir informações quanto a nossa. E no que diz respeito a *internet*, em que qualquer pessoa, pode ser a produtora, reprodutora e compartilhadora de textos nos diversos ciberespaços, a chance de perceber a instabilidade da informação aumenta.

A instabilidade da informação também pode ser aplicada aos conteúdos originais, como o conteúdo que analisamos. Embora creditemos os escritos a seus blogueiros não há nada que os impeça de publicar um conteúdo de outra pessoa como os seus. E também nada impede outra pessoa copiar esse conteúdo e publicar em outro espaço falseando a autoria.

O mundo da internet (de copiar e colar) testa muito mais a ética do navegador que qualquer outra tecnologia ao democratizar o acesso e a elaboração do seu conteúdo. Referendando ao projeto iluminista de uma República das Letras, em que o saber seria um bem público, acessível para todos, Darnton (2010, p. 75) comenta que “(...) digitalizar e democratizar – não é uma fórmula fácil, mas é a única que funcionará se de fato quisermos tornar realidade o ideal de uma República das Letras, que no passado já pareceu tão utópico”. Entretanto, se é nessa direção que marchamos, só podemos conjecturar.

### **Interface de linguagens e vozes**

Há quem diga que os *weblogs* ou as redes sociais são espaços das manifestações narcísicas do homem contemporâneo. O diário pessoal, íntimo e secreto abriu suas portas para o ciberespaço e agora todos podem compartilhar com o mundo os mais profundos segredos do seu ser. Em contrapartida, a escrita profunda e reflexiva que permeavam os espaços dos diários escritos passou a ser descritiva e visual nos diários virtuais. Contudo, nesse mar de informações, utilizando a metáfora comum do ciberespaço, ainda é possível encontrar espaços que buscam a reflexão, a fruição e o entrar em si. Nesse sentido, o blog de Eduardo Silveira, “O bibliófilo pobre”, disponível no endereço: <<http://obibliofilopobre.blogspot.com/>> é um exemplo desses espaços.

A trajetória do jovem poeta joinvillense Eduardo Silveira é marcada por movimentos de criação e abandono de espaços virtuais. Eduardo iniciou seus escritos na internet com o blog “O sujeito Oculto” que foi desativado. Passou a escrever também no “As palavras mortas”<sup>3</sup> que ainda se encontra disponível na web, mas foi encerrado pelo autor. Atualmente é possível encontrar publicações do poeta no blog “O Bibliófilo pobre”, principal espaço analisado nesse artigo, e no “Limericando”<sup>4</sup>. Nessa simbiose com o ciberespaço, Eduardo demonstra que também ele apropriou-se dos modos do ciberespaço, utilizando esses ambientes como rascunhos, que em metáfora, podem ser rasgados, amassados e jogados fora.

A criação e a desativação de espaços é um movimento comum na web e sinaliza o movimento de buscar novos espaços, novas experimentações. A desconstrução desses espaços é também uma experiência realizada pelo autor que brinca com os rastros criando os binômios aparecer/esconder, criar/destruir em um jogo com o leitor que é provocado pelo autor para seguir esses rastros deixados. Diferente da interação pela ferramenta blog através dos comentários que se aderem às composições, a interatividade de Eduardo com o leitor nesse

---

<sup>3</sup> Disponível ainda no endereço <<http://aspalavramortas.blogspot.com/>> Acesso em: 29 jan 2012.

<sup>4</sup> Disponível no endereço: <<http://www.limericando.blogspot.com/>> Acesso em: 05 fev 2012.

ambiente se dá através dessa trajetória composta por ele, fazendo o leitor pulular entre um blog em analogia ao próprio ciberespaço, afinal, o usuário não vai de um espaço a outro por intermédio de hiperlinks, formando um gigantesco hipertexto?

Nesse universo de escritos, rabiscos e rascunhos, recortamos a composição “(Picasso, os dois saltimbancos)”, postada por Eduardo em seu blog no dia 05 de outubro de 2001 para proceder a abordagem analítica de uma manifestação criada para ou no ciberespaço.

Além de propor o entrelace entre diferentes linguagens como a visual, a hipermedial e a verbal, a composição selecionada para esse recorte traz também o diálogo de vozes diferentes, ao buscar como tema a pintura “Os dois saltimbancos [o arlequim e sua companheira]” de Pablo Picasso (1901) (figura 1). O conjunto de diferentes linguagens e vozes na construção de espaços ciberpoético é um movimento comum e sinaliza a multiplicidade cultural que demarca a identidade do homem pós-moderno como um conceito fluido e cambiante (HALL, 2006) em contrapartida a ideia fixa de identidade que outrora havia.

Nessa pintura, Picasso utiliza tons mais vivos e motivos mais simples e leves da vida circense, entretando, o casal de circense são representados num outro local como um restaurante ou um bar. Apesar do tema, a pintura parece demonstrar uma certa melancolia e tristeza: a mulher com seu semblante pesado e o homem, de perfil, parecem ambos estar longe e distantes um do outro emocionalmente. Apesar de preceder ao cubismo, a pintura analisada já demonstra a preocupação de Picasso com as linhas bem demarcadas e pesadas e as formas geométricas: a mesa redonda, o fundo retangular e os triângulos do casaco do arlequim. Entretanto, os contornos das figuras do casal evocam a tradição clássica. De acordo com Walther (1994, p. 29), “Picasso estava sempre à procura de novas possibilidades técnicas para transpor as suas ideias.”

Na pintura de Picasso, os saltimbancos que pertencem ao circo só são descobertos pelo título, pois estão retratados num outro ambiente. A mesa, os copos, o fundo (parede) indiciam o ambiente: um restaurante, um bar, ou uma mesa de jantar qualquer. Retirá-los do ambiente natural de um saltimbanco é significativo. O arlequim, figura que entretém os espectadores entre as apresentações no circo, só é marcado pelo desenho da sua roupa, caracterizada por losangos claros e escuros que reforçam a sua ambiguidade em contraste com o de sua companheira que veste uma roupa laranja, cor que reflete a intensidade da luz.

O restante do corpo do casal retratado não foi retratado, aspecto significativo pois as pernas dão o movimento ao corpo, estatizando o retrato. Ambos aparecem com as cabeças apoiadas nas mãos como se suas mentes estivessem pesadas e cansadas. Os cotovelos sobre a



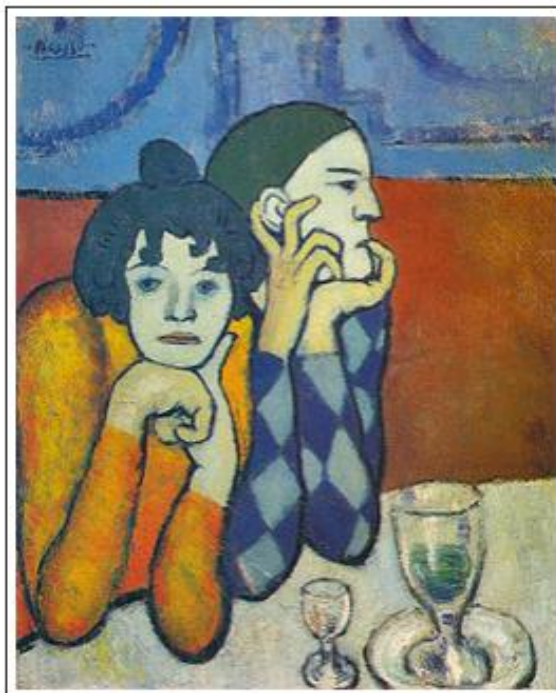
mesa – impróprio para etiqueta - e a própria roupa simples e colorida dos saltimbancos são ícones que revelam a classe social mais baixa, mas a curvatura do corpo nessa posição indica o peso psicológico da situação e revelam o estado contemplativo do casal diante do cenário emocional que se lhes apresenta, principalmente da companheira, assim o retrato capta um momento reflexivo de abandono e solidão.

Com o cubismo, Picasso estava interessado em questionar a verdade e a própria arte, propondo a ruptura (Walther, 1994), mas essa preocupação pode também ser percebida na pintura analisada. Quando usa o saltimbanco que é uma figura alegórica que representa a alegria e extroversão num movimento introvertido, subjetivo e psicologicamente pesado, Picasso inverte os valores, rompe com as expectativas do fruidor e questiona a realidade.

Na sua composição, Eduardo dialoga com a obra de Picasso, ressignificando-a. A proposta que Eduardo coloca na voz da figura feminina retratada é uma tentativa de movimento de aproximação, uma vez que os personagens são circenses e o movimento, a alegria e a expressão fazem parte da alma de um saltimbanco. A proposta é subir a mesa somando “a pedra da fala” que simboliza o silêncio ao “duro da tabua” que representa a sustentação e ao mesmo tempo o palco para se realizar e criar o efeito da alegria, próprio dos arlequins.

5 DE OUTUBRO DE 2011

(picasso, "os dois saltimbancos")



se a gente subisse na mesa,  
somasse a pedra da fala  
com o duro da tábua

se a gente desse um outro nome  
para essa noite

ficaria a mesa  
menos vazia?

POSTADO POR EDUARDO SILVEIRA ÀS 00:23 0 COMENTÁRIOS 

Figura 1 - (Picasso, “os dois saltimbancos”) de Eduardo Silveira

Fonte: SILVEIRA, Eduardo. O Bibliófilo Pobre. *Weblog*. Disponível em: <http://obibliofilopobre.blogspot.com/> Acesso em: 02 dez 2011.

A contestação é dada pela resignificação do sentido: a verdade que antes preocupava Picasso no jogo entre o aparente e o verdadeiro passa a ser o mote do jogo para Eduardo cuja preocupação se centra no vazio deflagrado pelo desencantamento que a busca pela verdade ocasionou. Sem encantamento, a fala é pedra e a madeira é dura como se nada pudesse penetrar nessas coisas naturais num jogo entre natureza & cultura dado pelos adjetivos agregados aos objetos, uma vez que as propriedades das coisas já foram questionadas em

outro momento histórico. A sugestão é subir na mesa, como uma transgressão, uma forma de deslocar novamente a situação de um centro que se tornou impróprio ou insuportável para esse ser.

Na segunda estrofe, o texto sugere dar “um outro nome / para essa noite”, no qual “para essa” está destacado na frase, com uma fonte maior. Esse destaque evidencia que noites como essa, nessa distância velada e silenciosa, já são tão frequentes e usuais que “só” para essa noite, o desejo é de pertencer, de ficar junto, por isso, a sugestão de dar um nome. Damos nome àquilo que nos é pessoal e íntimo, àquilo que nos é significativo. Esse desejo de nomear, dessa forma, está ligado ao desejo de transformar o momento em algo íntimo e importante. Desejo que impulsiona para a pergunta-dúvida que conclui o poema: “ficaria a mesa / menos vazia?” São propostas incertas, sugestões já desesperadas para acabar com a solidão que se instaurou no silêncio e na distância entre os dois.

O poema questiona essa situação de solidão velada na companhia do outro. Os dois saltimbancos, circenses, alegres, arlequins são o signo do casal em aparência, em cores vibrantes na superfície, mas olhos fundos e inertes, o sorriso já murcho há muito tempo, recorrendo ao vinho como escapatória para a situação (que é representado na pintura de Picasso por dois copos). A intenção do movimento fica apenas na condição: “e se...”, nada mais se concretiza.

Eduardo busca novamente, nessa composição, a figura do saltimbanco, como uma representação de si mesmo e dos movimentos que imprime a seus espaços. O saltimbanco é essa figura errante que não tem parada, nada é fixo. O futuro é incerto e a insegurança é parte da vida do saltimbanco. Apesar disso, o saltimbanco espera deixar rastros, espera ser lembrado por onde passa, por onde encena suas apresentações, o que nos leva a conjecturar que os rastros que Eduardo deixa para seus leitores são experiências para gerar esse efeito de aproximação e afastamento, pois o leitor é compelido a abandonar um espaço em busca do outro. O poema propicia ao leitor um abandono de suas crenças, suas ideologias, suas reflexões e significações criadas por ou naquele espaço para ser lançado a um outro em que buscará novamente pela identificação. Nesse procedimento, o autor encena e interage com o leitor em movimento de solidão e companhia. É possível perceber que há o peso ou a angústia da solidão em contraposição ao individualismo e, em última instância, uma contradição entre vida (a criação do novo espaço) e morte (abandono ou encerramento do espaço criado) ou entre a significação e o vazio, quando aquele espaço deixa de significar para o autor e, em consequência, para o leitor.

Essas contradições, percebidas e criadas nesse movimento do autor com relação aos espaços, são também observadas na composição analisada. Nela, entretanto, a condição da angústia da solidão se sobressai ao desejo da individualidade, a vida (representada pelo arlequim, enquanto uma alegoria da alegria) é desejada diante da morte (a solidão e o afastamento).

Eduardo interfere, assim, na pintura de Picasso utilizando a técnica de ecfrase. Parafrazeando Heffernan, autor de *Museu de Palavras*, Ferreira (2007, p. 1) conceitua a técnica:

(...) a ecfrase é fascinante por diversas razões: primeiro, porque evoca o poder da imagem silenciosa mesmo quando submetida à autoridade rival da linguagem. Segundo, porque é uma técnica que possibilita uma forte analogia com a disputa entre os gêneros, funcionando muitas vezes como a expressão de um duelo entre os olhares masculino e feminino, onde a voz intelectual do discurso tenta controlar, explicar ou reduzir o impacto sensorial da beleza que seduz e ameaça.

Os personagens, o ambiente, o peso psicológico agora são resignificados como se ganhassem vida em suas palavras, não as relegando somente a uma linguagem. Entretanto, mais do que apropriar-se do que é visível, Eduardo contesta o jogo dado pela pintura, sem, contudo, destituí-la do poder que ela exerce sobre o leitor que fica fascinado pela conjuntura visual.

A contestação é dada pela resignificação do sentido: a verdade que antes preocupava Picasso agora é o mote do jogo para Eduardo cuja preocupação se centra no vazio deflagrado pelo desencantamento que a busca pela verdade ocasionou. Sem encantamento, a fala é pedra e a madeira é dura como se nada pudesse penetrar nessas coisas naturais num jogo entre natureza & cultura dado pelos adjetivos agregados aos objetos, uma vez que as propriedades das coisas já foram questionadas em outro momento histórico. A sugestão é subir na mesa, como uma transgressão, uma forma de deslocar novamente a situação de um centro que se tornou impróprio ou insuportável para esse ser.

Pelo deflagramento do vazio e pelo desejo de inversão situado nos dois últimos versos, o poema embora transpire a angústia, busca por alternativas, busca reconstruir ou restituir o ser destituído de sua totalidade, por isso, busca pela alteridade, evidenciada pelas propostas que são dadas pelo substantivo “gente” como um sinônimo para o pronome nós, tentando tornar mais próxima, íntima e pessoal essa relação com o outro, como uma nova religiosidade. A religação desse ser com algo além dele mesmo é emergente e urgente nesse contexto histórico, como se denota através da angústia presente na composição de Eduardo.

### **Considerações finais**

Eduardo alerta que a aparência não basta para sustentar relações com a composição (Picasso, Os dois saltimbancos). O homem contemporâneo depara-se com a solidão mesmo na presença do outro, transpirando o desejo da (re)ligação, mas nem sempre esse movimento consegue ser realizado. Essas relações engessadas constituem um paradoxo diante do nomadismo a que o homem contemporâneo acostumou-se evidenciado nas flutuações em busca de novos ciberespaços. Em contrapartida, essa desestabilização ou flutuação espaço temporal exemplifica os desejos de afastamento e aproximação do outro que vivenciamos no cotidiano, material de experimentação para o ciberpoeta.

O homem contemporâneo depara-se com a solidão mesmo na presença do outro, transpirando o desejo da (re)ligação, mas nem sempre esse movimento consegue ser realizado. Essas relações engessadas constituem um paradoxo diante do nomadismo a que o homem contemporâneo acostumou-se evidenciado nas flutuações em busca de novos ciberespaços. Em contrapartida, essa desestabilização ou flutuação espaço temporal exemplifica os desejos de afastamento e aproximação do outro que vivenciamos no cotidiano, material de experimentação para o poeta blogueiro.

Dessa forma, a composição de Eduardo exemplifica que os espaços virtuais são espaços de ser e estar do indivíduo contemporâneo em busca de identificações, espaços que constituem-se fragmentos de memória e significação e considerados, portanto, patrimônio virtual da humanidade em transformação.

## Referências Bibliográficas

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2ª Ed. Rev. e Ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros: passado presente e futuro**. Trad. Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DODEBEI, Vera. **Patrimônio e Memória Digital**. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano 04, número 08, 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>> Acesso em: 28 jun 2011.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. **A Ecfraze como técnica de transcrição intersemiótica**. In: Anais do Encontro Regional da Abralic 2007 – Literatura, Artes, Saberes. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/ERME\\_LINDA\\_FERREIRA.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/ERME_LINDA_FERREIRA.pdf)> Acesso em: 02 fev 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Organizador). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Da conversação pública em terrenos digitais: horizontes e provocações sobre a validade de uma esfera pública virtua. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Organizador). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. A Estética das linguagens líquidas. IN: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus; 2004.

\_\_\_\_\_. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista Famecos : Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre , n. 22 , p. 23-32, dez. 2003.

SILVEIRA, Eduardo. **O Bibliófilo Pobre**. Disponível em <<http://obibliofilopobre.blogspot.com>> Acesso em 30 mai 2011.

WALTHER, Ingo F. **Picasso**. 1ª Ed. Taschen, 1994.